

TRIBUNA LIVRE



RODRIGO MONTEIRO

Somos todos corruptos?

Hoje é celebrado o dia internacional de combate à corrupção, tornando-se relevante tecer uma análise sobre o momento vivenciado pela sociedade brasileira, eis que após a coleta de milhões de assinaturas em um projeto de iniciativa popular vocacionado a frear a corrupção, nos deparamos, numa madrugada em que todo o Brasil apresentava-se consternado e de luto, com a atuação de parlamentares que, na surdina, dilaceraram as medidas anticorrupção formuladas pela sociedade, numa clara demonstração de falta de compromisso para com os reais detentores do poder: o povo!

Restou claro que os representantes eleitos estão conduzindo o Congresso Nacional com a finalidade única de autopreservação, eis que, segundo o site Congresso em Foco, cerca de 30% dos deputados federais e 40% dos senadores, figuram como réus junto ao Supremo Tribunal Federal.

Nesse contexto, relevante entendermos se, de fato, a atuação desses parlamentares encontra-se isolada daquilo que é praticado na “vida real” ou, de outra sorte, se existe uma verdadeira relação de reciprocidade para com a sociedade brasileira. O cidadão se inquieta com as reiteradas notícias de corrupção que habitam os meios de comunicação, porém, “esquece-se” de observar regras de conduta diárias, comportamentos éticos que deveriam ser buscados no cotidiano.

Esse sentimento de que somente existe corrupção na Administração Pública merece ser desconstruído. É preciso analisar o problema do enfrentamento à corrupção não apenas sob o viés do Estado, mas sempre lembrando que se as práticas ilícitas têm persistido por tanto tempo no Brasil, é porque isso está arraigado à própria sociedade, fazendo parte indissociável de nossa cultura. A assunção de responsabilidades por parte da sociedade é medida de urgência, de modo que nasça um sentimento de repulsa não apenas aos atos de corrupção praticados pelos agentes públicos, mas, também, aos atos corriqueiros perpetrados pelo homem comum,

numa inequívoca exaltação do conhecido “jeitinho brasileiro”, vinculado a buscar vantagens que não seriam obtidas em condições objetivas de normalidade, mediante arranjos vivenciados em um sistema paralelo à realidade social.

É certo que a sociedade não pode ser culpada por todos os infortúnios que assolam nosso país. De outra sorte, não há como sustentar a isenção total dessa res-

ponsabilidade. A propagação do “jeitinho brasileiro” cria uma geração de cidadãos aproveitadores e, infelizmente, o “levar vantagem em tudo”, permanece no imaginário do cidadão brasileiro.

Numa sociedade em que o incentivo para desrespeitar as regras é muito

maior do que o de respeitá-las, nasce um verdadeiro círculo vicioso da corrupção, estando todos os atores do processo engajados no mesmo desejo egoístico de sair vencedor, a qualquer preço. Restará infrutífero o árduo e incansável trabalho de combate à corrupção no serviço público se, de igual forma, não houver uma ruptura total com o modelo vivenciado na sociedade brasileira.

De nada adianta dar início a uma cruzada contra agentes públicos corruptos, se o modelo social vigente não for revisto, de modo a se buscar uma completa mudança nos padrões éticos de toda a sociedade brasileira.

Rodrigo Monteiro é promotor de Justiça; mestre em Direitos e Garantias Fundamentais



A propagação do “jeitinho brasileiro” cria uma geração de cidadãos aproveitadores